

Desmatamentos preocupam

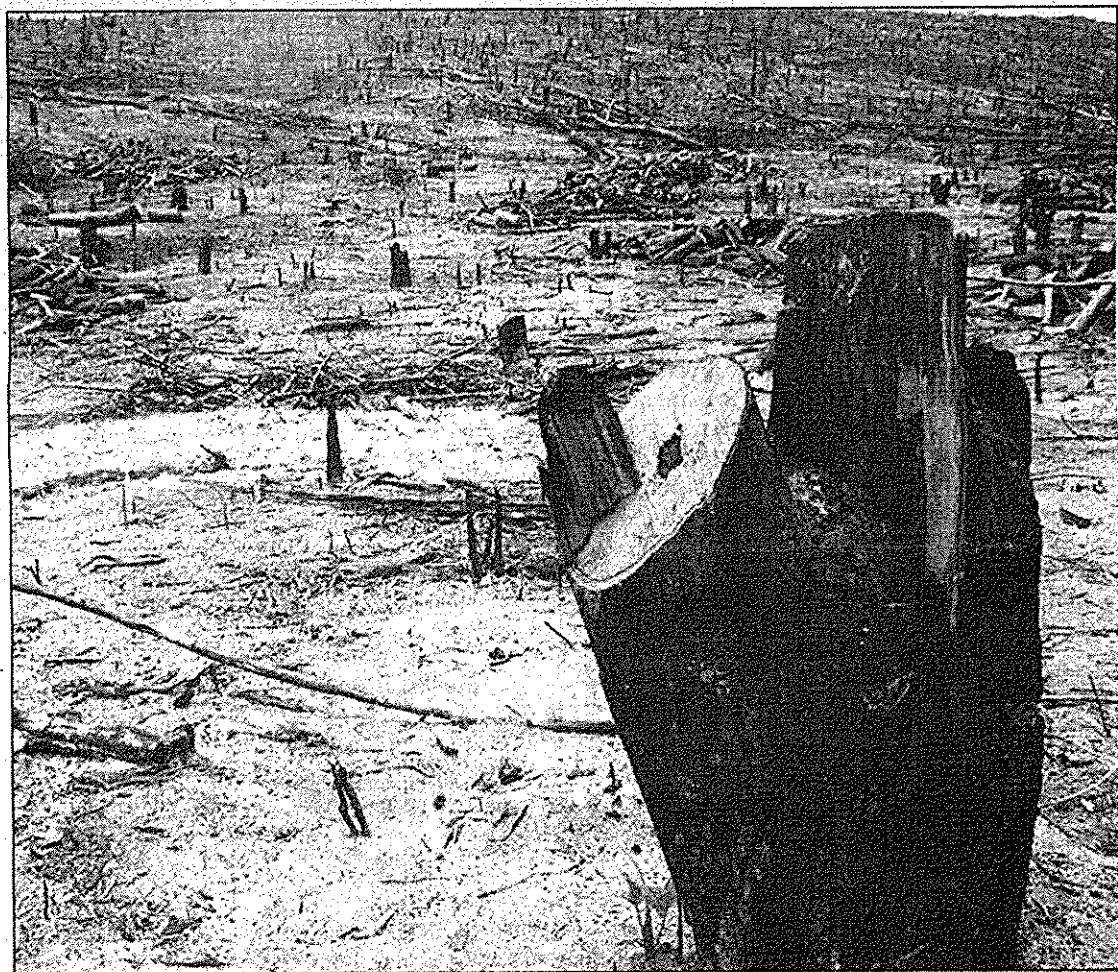
Antônio Menezes - 08/fev/1999

As leishmanioses eram doenças restritas às florestas e às áreas rurais, que atacavam apenas aqueles que se embrenhavam nas matas e acidentalmente eram picados pelo mosquito palha, responsável pela transmissão da leishmaniose. Com os constantes desmatamentos, as leishmanioses e o seu transmissor acabaram adaptando-se às condições urbanas, provocando uma mudança no padrão de ocorrência geográfica e a sua rápida expansão.

São dois tipos de doença, a leishmaniose visceral, que causa danos ao baço e ao fígado, leva a morte se não for tratada, e a tegumentar, que provoca lesões na pele e mucosas e pode evoluir para a cura espontânea. Apesar de não matar, a segunda forma pode gerar mutilações das mucosas (nariz e boca), já que as feridas são indolores e demoram a ser notadas quando ocorrem nas mucosas interiores do nariz, da boca e da garganta.

Jarbas Barbosa, da Funasa, diz que as leishmanioses hoje estão "suburbanizadas". A adaptação total aos meios urbanos existe apenas no caso da visceral. "As ocorrências urbanas começaram na década de 80. Sem a mata, surgiu uma espécie capaz de sobreviver em condições urbanas, ou seja, que usa o homem e o cão como fonte de alimento, e hoje esta doença é essencialmente urbana, com surtos em grandes centros", diz Luiz Jacintho Silva, superintendente da Sucec e professor de doenças infecciosas da Unicamp.

A tegumentar - ou cutânea - tem ocorrido nas áreas rurais e periurbanas, já praticamente desmatadas, mas as projeções indicam a expansão para as áreas urbanas. Barbosa explica que a maioria das espécies de leishmanioses que provocam a forma cutânea da doença ainda precisam de animais silvestres como fontes de alimento. "Mas existe uma, a *brasiliensis*, que existe principalmente no Nordeste, São Paulo e Minas Gerais, que é capaz de se alimentar do sangue de



SEM MATA Em áreas de invasão, desmatadas por moradores, o risco da doença é maior

cães e equinos e é a grande responsável pela expansão urbana da forma cutânea da doença", conta.

A Sucec tem acompanhado o movimento de expansão do mosquito, que começou provavelmente no Nordeste, onde a primeira grande cidade atingida foi Teresina, seguiu pelo Norte, principalmente na região de Santarém, desceu para o Centro-oeste, com o aparecimento de focos em Cuiabá, e em 1998 apareceu em Araçatuba, já no Estado de São Paulo. "Hoje é um dos grandes problemas de saúde pública, que não tem recebido a atenção devida", diz Silva.

A prevalência dos casos nas populações pobres das periferias se justifica pelas características da doença. As leishmanioses são mais

agressivas em pessoas desnutridas e o mosquito palha precisa de terra "adubada" e sombreada. "As espécies de mosquito que transmitem as leishmanioses crescem em matéria orgânica em decomposição, na terra, ou seja, em quintais e terrenos onde se criam animais domésticos como galinhas, por exemplo", explica Silva.

Elizabeth Rangel, pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz, que acompanha um foco de leishmaniose em Posse, no Estado do Rio de Janeiro, há 20 anos, e diz que há indicações de que a principal causa dos ataques foi o desmatamento. "Quando chegamos já não havia mata, mas os moradores dizem que houve desmatamentos no local", conta.

Os técnicos da Funasa indicam os desmatamentos e o processo migratório como causas do aumento nos casos da doença no País nos últimos anos. Os grandes centros urbanos já atingidos, segundo dados da Funasa, são Belo Horizonte, Natal, São Luiz, Fortaleza, Montes Claros e Araçatuba. Barbosa e Silva acham pouco provável que a doença chegue a São Paulo, a maior cidade brasileira, onde as consequências seriam desastrosas. Apontam as características climáticas da cidade como um grande aliado.

"O mosquito sobrevive melhor nas condições climáticas encontradas no Centro-oeste. Por isso ocorre em Araçatuba, por exemplo. São Paulo é mais frio", diz Barbosa.